

PARA ALÉM DO SEXO E DO PECADO: PELES QUE (DES)VELAM A HOMOSSEXUALIDADE

Fabio Gustavo Romero Simeão¹; Hermano de França Rodrigues²

Universidade Federal da Paraíba, <fabiogustavor@gmail.com>

Resumo do artigo: Os discursos dominantes, que estabelecem arbitrariamente as fronteiras entre o normal e o patológico, ainda encaram a homossexualidade como algo ignominioso e abjeto, uma “maldição” capaz de sorver a humanidade, transformando sujeitos em monstros lascivos, regidos por uma luxúria desenfreada. Se associarmos à homossexualidade, outra condição historicamente sórdida, o quadro que já era penoso torna-se insuportável: o envelhecer – processo que desperta medos numa sociedade que cultua o corpo jovem, sem as marcas do tempo. Os conflitos que perpassam as duas condições são similares e tal conjectura irrompe-se nas territorialidades filmicas, onde o amor entre iguais dilui-se em representações plásticas, ora sedutoras e rarefeitas, ora letárgicas e resistentes. *Abuelitos* (2005), curta-metragem da espanhola Verónica Sáenz, põe em voga concepções estabelecidas sob o sujeito inscrito na intersecção velhice/homossexualidade para apontar outras possibilidades. Durante o desenrolar da trama, somos levados a questionar certos estigmas que, amiúde, deturpam essas condições, destituindo indivíduos da sua dignidade. Destarte, alicerçados nas contribuições sócio-históricas de Stearns (2010), Naphy (2006), e Ceccarelli (2008), procuramos refletir sobre o espaço a que o sujeito velho/homossexual é impelido a ocupar e as vicissitudes decorrentes dessa imposição. Também, propomos discutir os diferentes arranjos que a relação homoafetiva possibilita – possibilidades estas que vão de encontro com preconceitos arraigados no imaginário popular.

Palavras-chave: Cinema; Velhice; Homossexualidade.

Introdução

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles

Os discursos dominantes, que estabelecem arbitrariamente as fronteiras entre o normal e o patológico, ainda encaram a homossexualidade como algo ignominioso e abjeto, uma “maldição” capaz de sorver a humanidade, transformando sujeitos em monstros lascivos, regidos por uma luxúria desenfreada. Especialmente nos dias atuais, quando presenciamos uma (re)patologização desta, o homossexual é colocado às margens da sociedade, num entre-lugar cujas coordenadas obstaculizam a compreensão sobre si mesmo, sobre o outro, de modo que, com frequência, a vítima, face ao espelho da vida, mune-se das armas do algoz.

¹ Graduando em Letras/Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail para contato: <fabiogustavor@gmail.com>.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orientador do presente trabalho. E-mail para contato: <hermanorg@gmail.com>.

Se associarmos à homossexualidade, outra condição historicamente abjeta, o quadro que já era penoso torna-se insuportável: o envelhecer – processo que desperta medos numa sociedade que cultua o corpo jovem, sem as marcas do tempo. Assim, a modernidade atribuiu ao corpo arruinado e decrépito do velho, signos fúnebres que evocam a finitude, a fugacidade da vida, enfim, à morte. De fato, a velhice nos convoca a enfrentar nossa própria mortalidade e o caráter efêmero da nossa existência. Os conflitos que perpassam as duas condições são similares e tal conjectura irrompe-se nas territorialidades fílmicas, onde o amor entre iguais dilui-se em representações plásticas, ora sedutoras e rarefeitas, ora letárgicas e resistentes. *Abuelitos* (2005), curta-metragem da espanhola Verónica Sáenz, põe em voga concepções prescritas sob o sujeito inscrito na intersecção velhice/homossexualidade para apontar outras possibilidades. Durante o desenrolar da trama, somos levados a questionar certos estigmas que, amiúde, deturpam essas condições, destituindo indivíduos da sua dignidade.

Destarte, alicerçados nas contribuições sócio-históricas de Stearns (2010), Naphy (2006), e Ceccarelli (2008), procuramos refletir sobre o espaço a que o sujeito velho/homossexual é impelido a ocupar e as vicissitudes decorrentes dessa imposição. Também, propomos discutir os diferentes arranjos que a relação homoafetiva possibilita – possibilidades estas que vão de encontro com preconceitos arraigados no imaginário popular. Para tanto, dividimos o presente trabalho em dois momentos: primeiro, discorreremos sobre as diferentes configurações que a sexualidade considerada ‘normal’ assumiu no ocidente, destacando as atitudes para com a homossexualidade (masculina) desde a Antiguidade Clássica até a modernidade. Em seguida, debruçamo-nos sobre a narrativa em foco, a fim de reconhecer os diferentes caminhos que o amor entre iguais pode percorrer e, também, as novas roupagens que a sexualidade ganha na velhice.

Notas históricas sobre a homossexualidade

Desde tempos remotos, o homem, no intuito de dominar suas pulsões mais íntimas, cria dispositivos reguladores com vistas a padronizar condutas sexuais. Sendo tributária de constructos sociais historicamente situados, a sexualidade vê-se, muitas vezes, interdita por discursos moralistas que visam domesticá-la. A esse respeito, Salles & Ceccarelli, alicerçados no pensamento do filósofo francês Michel Foucault, apontam:

Lembremos que os discursos sobre a sexualidade aparecem em momentos sócio-históricos precisos como uma tentativa de normatizar as práticas sexuais de acordo

com os padrões da época, pois o controle da via social e política só poderia ser alcançado pelo controle do corpo e da sexualidade. (2010, p. 16)

Cada sociedade tecerá aparatos discursivos próprios para pensar e dar sentido à sexualidade. Assim, entendemos que, em diferentes épocas ou culturas, concepções relativas à sexualidade humana podem variar exaustivamente. De fato, através da história, o sexo considerado ‘normal’ assumiu particularidades das mais diversas. Em meio a essas dissonâncias, o amor entre iguais herdou feições divergentes que iam desde a relativa aceitação até o completo rechaço. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, a relação homossexual era protocolada por rituais pedagógicos³ com importante valor social. Nesse tempo, o homem detinha um lugar de prestígio no corpo social e a relação entre iguais, desde que seguisse certas convenções, era aceita, inclusive exortada por muitos filósofos e poetas, que a consideravam uma forma superior de amor. Esse quadro modificou-se, na Idade Média, com a ascensão do cristianismo e as outras grandes religiões monoteístas, judaísmo e islã. Noções de *coito natural* e *pecado*⁴ transbordaram os muros da Igreja para firmar-se tanto no pensamento culto quanto no popular. A homossexualidade ou *sodomia* passou a ser caracterizada como prática demoníaca, implacavelmente perseguida e punida. Já no séc. XIX, – berço das ciências humanas como a sociologia, sexologia e psicanálise – deparamo-nos com um discurso médico-legal que, imbuído pelas teorias higienistas vigentes na época, promove a patologização de qualquer arranjo que fugisse do binômio heterossexual homem/mulher, considerado como única expressão saudável da sexualidade.

Por fim, o contemporâneo, mesmo imerso nos movimentos de resistência e luta pelos direitos da população Gay, Lésbica, Bissexual e Transexual⁵ (LGBT) também utiliza-se dos seus signos para (des)caracterizar a homossexualidade – signos da fluidez dos laços, do hedonismo, do *carpe diem*. A sociedade ocidental, em consonância com os preceitos judaico-cristãos que a atravessam, interdita o desejo homossexual por considerá-lo desviante, calcado apenas no prazer

³A pederastia grega consistia em um homem adulto (*erastes*) de status social elevado e um jovem adolescente (*eromenos*) socialmente menos favorecido. Essa relação era altamente idealizada e tinha primordialmente um caráter educativo, porém, como Naphy (2006) ressalta, o fator sexual não era excluído.

⁴ O mundo antigo e suas concepções sobre a sexualidade sofreram mudanças radicais com a ascensão das grandes religiões monoteístas a partir do séc. III e IV d.C. Desde então, o sexo – e tudo relacionado a ele – deveria servir a um único e divino propósito: a reprodução da espécie. Dessa maneira, quaisquer atividades que não resultassem em procriação – como a felação, coito anal, masturbação – eram consideradas crimes *contra natura*, severamente proibidas e perseguidas.

⁵ Os motins no *Stonewall Inn* – bar gay de Nova York –, no ano de 1969, costumam ser apontados como o início da luta organizada pelos direitos da população LGBT. Porém, alguns estudiosos atestam para a importância de episódios anteriores a esse. Podemos lembrar, por exemplo, da carta aberta que o jornalista austro-húngaro K. M. Benkert (1824 – 1882) publicou no ano de 1869, em defesa dos homossexuais que estavam sendo perseguidos e torturados pela força policial da época.

sexual e sem nenhum laço afetivo que o legitime. Ainda hoje, encaramos a homossexualidade como algo ignominioso que deveria permanecer encoberto pelo véu da vergonha. Dessa maneira, desde que se assume como tal, o sujeito homossexual é rechaçado e posto às margens da sua comunidade – familiar, laboral, social. Nas palavras de Ceccarelli:

O discurso social, que constrói as referências simbólicas do masculino e do feminino e dita os parâmetros que definem a ‘sexualidade normal’, contribui [...] para que o sujeito homossexual [...] se sinta ‘desviante’, posto que excluído do discurso dominante. Os homossexuais nascem em uma sociedade cuja organização simbólica cedo lhes ensina que sua forma de viver a sexualidade é errada. (2008, p. 89, grifos do autor)

O corpo homossexual carrega as marcas nefastas dessa violência simbólica, perpetuada por convenções sociais regidas num falso moralismo e hipocrisia. Muitas vezes, essas marcas são tão violentas que sufocam o desejo, dilaceram a subjetividade, silenciando o amor que, nas palavras do escritor Oscar Wilde, *não ousa dizer seu nome*. O trajeto constitui, amiúde, uma defesa frente à hostilidade mortífera do preconceito e da intolerância, tão prementes na atualidade. O homossexual encontra-se, muitas vezes, num impasse. Ou assume seu desejo, e é condenado um libertino desregrado, ou, por outro lado, decide abdicar da sua identidade, negar-se, apagar-se. Se optar pelo segundo caminho, estará sempre em colisão com seu próprio desejo, sempre travando uma batalha – que está fadada ao fracasso – com a sua própria natureza. Aqueles que ousarem transgredir e viver uma sexualidade que vá de encontro com as prerrogativas vigentes, são condenados a ocupar espaços abjetos no corpo social. Ainda assim, não são poucas as figuras que conseguem burlar esses protocolos, desafiando os costumes do seu tempo para reclamar um protagonismo revolucionário.

O amor que não ousa dizer seu nome

A narrativa filmica que propomos discutir neste trabalho, *Abuelitos* (2005), de Verónica Sáenz, vai de encontro aos estigmas que recaem sobre a relação homossexual, especialmente no contemporâneo. Costumeiramente desenhadas como relações que não permanecem, contatos bastante fugazes calcados apenas no prazer sexual, ou seja, vazios de afeto. No desenrolar da trama, transparecem diferentes caminhos que o amor entre iguais pode trilhar, além daqueles cristalizados no imaginário popular. Ao mesmo tempo, contestam-se dogmas relativos à sexualidade do sujeito idoso que, vítima de uma sociedade exaltadora do corpo jovem e sem marcas do tempo, é tipicamente destituído da sua libido.

O personagem principal, um homem de idade avançada com ares saudosos, aparece sentado de frente para uma caixa na qual guardara objetos e lembranças de um tempo distante. Nesse primeiro momento do curta-metragem, deparamo-nos com um sujeito aparentemente solitário que, vasculhando os espólios da sua juventude, remanesce em soturna nostalgia. Forma-se, aqui, uma imagem bastante associada à velhice – a do indivíduo que não mais vive no presente, mas, que existe apenas para contemplar seu passado.



Figura 1: O personagem principal surge através da pequena caixa; um sujeito que se constitui a partir das suas lembranças, sem cair numa nostalgia cética.

Figura 2: Ao vasculhar a caixa, é inundado por recordações da sua juventude, que ele consegue significar com otimismo e maturidade.

Em seguida, encontra um pequeno caderno no qual tinha listado metas que gostaria de alcançar ao longo da sua vida. Estavam ali plasmados sonhos que alimentara ainda em juventude; viajar num balão de ar quente, aprender francês, cursar medicina e outros mais. Ao folheá-lo, vê-se inundado por recordações diversas, dentre elas, o dia em que presenteou sua irmã com um cachorro e, também, da vez que tinha derrotado seu melhor amigo num jogo de baralho. A partir desse momento, percebemos que o semblante do protagonista muda; já não estamos diante daquele que olha para o passado e é acometido por uma nostalgia pessimista, pelo contrário, suas lembranças são traduzidas com otimismo e maturidade. Este é um sujeito que consegue encontrar-se, mesmo diante da profusão de travessias que percorremos na vida. As memórias que ele evoca não são sentidas como persecutórias, são experienciadas com uma maturidade psíquica que as reveste de significação. Ao invés de sua relação com o passado ser desagregadora, ela lhe permite uma maior integração.

Em meio às metas que ele tinha previsto para si mesmo, uma se destaca: *Enamorarme de la mujer de mi vida*. Todas tinham sido grifadas, – indicando que foram cumpridas – menos essa última. Em seguida, o protagonista puxa uma caneta do bolso e risca a palavra *mujer*.

Aparentemente satisfeito com seu trabalho, levanta o olhar do pequeno caderno. É quando se revela, pela primeira vez, outro personagem; um homem, também de idade avançada, dormindo numa cadeira de frente para o protagonista que, por sua vez, está contemplando a cena com carinho. Este levanta-se e, para a surpresa do espectador, beija o rosto do novo personagem.

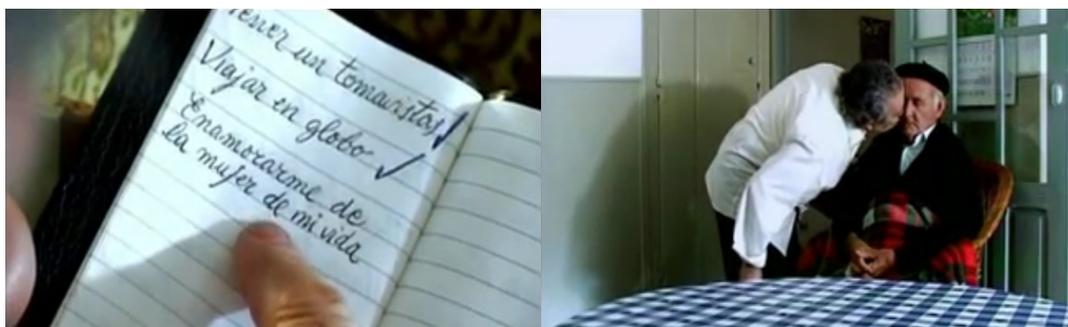


Figura 3: Todas as metas tinham sido marcadas – indicando que foram cumpridas – menos a última.

Figura 4: Inesperadamente, o protagonista levanta-se e beija o rosto do novo personagem.

Nesse segundo momento da narrativa, somos levados a tecer algumas questões. Até que ponto, por exemplo, aquela última aspiração contemplava os desejos do protagonista? Será que ela não representava as cobranças de um sujeito que – pela natureza do seu amor – era excluído do discurso dominante? Certamente, não é fácil vivenciar uma sexualidade que vá de encontro com protocolos heteronormativos, tão arraigados na nossa sociedade. Talvez, na sua juventude, o protagonista tenha se sentido coagido a perseguir esse ideal heterossexual, sufocando sua verdadeira identidade. Porém, não foi assim que aconteceu. Ele se permitiu passear por caminhos diferentes àqueles que eram prescritos a homens do seu tempo, vivenciando um amor que ainda hoje é coberto pelas brumas da ignorância.

Considerações finais

Ao apresentar um casal homossexual, formado por dois homens idosos, *Abuelitos* aborda magistralmente dois pontos elencados acima. Primeiro, contesta noções referentes à maneira em que relações homoafetivas são (des)caracterizadas no contemporâneo; encontros transientes calcados apenas no prazer carnal, imediato e sem nenhum laço afetivo que os sustente. De encontro a esses estigmas, somos apresentados a um arranjo que perdura no tempo e que diz de uma afeição, carinho e estima autênticos. Além disso, põe em voga a sexualidade na velhice ao tratar com personagens de

idade avançada. Sexualidade que, diferentemente do que a sociedade costuma pregar, existe e deve ser plenamente vivida. Aqui, a sexualidade ganha novas roupagens e abrange um escopo além do ato sexual propriamente dito. Porém, está sempre presente, como no momento em que o protagonista beija seu parceiro no rosto.

Exprimidos entre essas duas condições – a homossexualidade e a velhice – que tantos medos despertam, os protagonistas da narrativa demonstraram uma maturidade psíquica que os permitiu lidar habilmente com algumas perdas, fossem elas simbólicas ou reais. Num primeiro momento, a perda do corpo jovem, forte e ativo que é tão cultuado atualmente – e ainda com mais intensidade na comunidade gay. O curta traz essas questões quando foca no rosto dos personagens, rostos cobertos de rugas – marcas indelévels da passagem do tempo e, ao mesmo tempo, evocadoras funestas da finitude da vida. Outra perda que se faz presente, de ordem mais simbólica, é a do ideal heterossexual que o protagonista tinha estipulado para si mesmo. Em oposição a um discurso dominante que considera qualquer desvio do binômio heterossexual homem/mulher como patológico, o protagonista se permite vivenciar sua sexualidade e estabelecer uma relação afetiva com seu parceiro. Relação na qual eles conseguem se ver, uma vez que não estão fusionados e cada um tem seu espaço, conseguindo trilhar seus próprios caminhos.

Referências

- ABUELITOS (curta-metragem). Direção: Verónica Sáenz. Fotografia: Nacho Jiménez. Produção: 16:9 Producciones. DVD. 6 m. cor. 2005.
- CECCARELLI, Paulo R. A invenção da homossexualidade. In: *Bagoas*. Natal, n. 02, pp. 71 - 93, 2008.
- _____. A patologização da normalidade. In: *Estudos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 33, pp. 125 – 136, julho, 2010.
- _____. Mitos, Sexualidade e Repressão. In: *Ciência e Cultura, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, n. 64, 1, pp. 31 – 35, 2012.
- _____. Sexualidade e Preconceito. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, III, 3, pp. 18-37, set. 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

- MUCHEMBLED, Robert. *O Orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- NAPHY, William. *Born to Be Gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- PAIVA, Cristian. Protagonismo Erótico, Classificações e Formas de Sociabilidade de Gays Idosos. In: *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, n. 1, v. 44, pp. 74 – 108, jan/jun. 2013.
- POCAHY, Fernando. A Velhice Como Performativo: dissidências (homo)eróticas. In: *Ex Aquo*. Lisboa, n. 26, pp. 43 – 56, 2012.
- PRIORE, Mary del. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2014.
- SALLES, Ana C. T. da Costa; CECCARELLI, Paulo R. A invenção da sexualidade. In: *Reverso*. Belo Horizonte, n. 60, pp. 15 – 24, set. 2010.
- SANTOS, Daniel K; LAGO, Mara C. S. Porosidades da Velhice: experimentações (homo)eróticas de corpos dissidentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6., 2012, Salvador. *Anais*.
- STEARNS, Peter N. *História da Sexualidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- _____. *História das Relações de Gênero*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1992.